

Editorial

Após ter decorrido a primeira década do milênio, presenciamos momentos relevantes na vida familiar. Frente às inovações ocorridas na vida sócio-cultural, muitas advindas de pesquisas científicas e de novas tecnologias, a família necessariamente foi adquirindo maneiras diferentes de convivência. Rapidamente, estabeleceram-se novas formas de enfrentar as diversas situações e as pessoas precisaram buscar recursos para se adequarem a elas.

Dentro desse contexto, os terapeutas de família necessitam procurar novos recursos para atender a demanda das famílias. A terapia de família não se restringe mais aos consultórios, estende-se a instituições públicas e privadas, onde um maior número de famílias poderá se beneficiar de atendimento. Dentro desta perspectiva de inovações, a Revista Brasileira de Terapia de Família apresenta à comunidade de terapeutas de família algumas ideias e reflexões de autores que se dedicam ao atendimento de famílias nas diversas regiões brasileiras, onde exercem seu trabalho.

Os temas abordados apresentam uma gama ampla de conteúdos, possibilitando aos colegas novas reflexões e discussões sobre os mesmos. Inicialmente, Miriam Felzenszwalb escreve sobre o desejo sexual na mulher no período do climatério, podendo ser influenciada não somente por fatores não biológicos, mas por fatores psicossociais e relacionais. Apresenta casos clínicos e reflete sobre seus efeitos na vida conjugal.

Maria Aparecida Penso e Liana Fortunato Costa discorrem sobre transmissão geracional dentro de um entendimento sistêmico, mostrando a importância da compreensão familiar nuclear dentro do contexto geracional. Descrevem os mitos, rituais, memória, delegação e lealdade familiares como condutores desta transmissão. Apresentam a utilização do método do Grupo Multifamiliar em famílias com determinadas problemáticas e o Genograma para obtenção de informações sobre as repetições encontradas nos padrões de violência e uso de substâncias químicas.

Joana d'Arc Cardoso dos Santos traz reflexões sobre sua prática com famílias no contexto judicial, apoiando-se na teoria do ciclo de vida familiar, passando pelos seus diversos estágios, focalizando sobre o estágio tardio da vida com as mudanças que nele ocorrem. Apresenta casos clínicos, detendo-se sobre as relações avós-netos e a necessidade que os avós têm de assumir os cuidados das crianças no lugar dos pais pelas mais diferentes razões.

Daniela Reis e Silva escreve sobre um assunto de extrema importância e de difícil manejo: o luto familiar. Inicia dizendo que ele faz parte do processo da vida familiar e, através de um caso de luto em uma família, trabalha os conceitos que permitem a compreensão do desenrolar deste processo na família, apontando

para a transmissão intergeracional do luto, as reações à perda e a resiliência familiar. Ivânia Jann Luna escreve sobre uma pesquisa relacionada a este mesmo assunto: legados de perdas transmitidos através de gerações. Foram analisadas duas famílias qualitativamente a partir de quatro categorias. Foram percebidas reações diferentes diante de perdas repentinas que interferiram na adequação da organização familiar, levando à conclusão de que as perdas propiciaram um impacto intergeracional que vieram influenciar sobre a transição para a vida adulta e velhice.

Maria Luiza Puglisi Munhoz traça um percurso sobre as concepções existentes sobre o Amor nas uniões dos casais ao longo de diferentes momentos históricos e culturais. Segundo a autora, sua definição é difícil, principalmente pelo significado paradoxal entre prazer e sofrimento. Utiliza conceitos de Maturana e Morin enriquecendo, assim, seu relato teórico e conclui que o Amor não se esgota por estar associado à natureza humana.

Cynthia Ladvocat escreve sobre a família adotiva e sua terapia. Aponta que a existência de dois pares de pais pode comprometer tanto a aprendizagem da criança como suas relações sociais. O fato da ambiguidade da criança adotada frente aos pais torna necessário incluir no processo terapêutico a história dos sistemas biológico, adotivo e biológico, incluindo mitos, dados reais e fantasiados sobre a adoção e suas origens. Ilustra com um caso clínico a teoria apresentada.

Maria Isabel Caminha escreve sobre a criança com doença crônica e suas repercussões no ambiente familiar. Como pode a família absorver e elaborar esta dor, qual a ajuda que estas famílias necessitam? A autora traz contribuições importantes para que os profissionais possam melhor compreender e atender aos membros destas famílias.

Christine Liz Moller Gabel apresenta a importância da comunicação escrita para a perpetuação dos mitos familiares, tendo como foco inicial o desastre natural acontecido em Blumenau, SC, em 2008. Apresenta uma análise de matéria de um jornal local, utilizando o referencial teórico da Terapia Familiar.

Finalizando, Maria Rita D'Angelo Seixas escreve sobre rede, focalizando sobre a sua importância para a mudança na forma de agir e pensar das pessoas. Discorre sobre as consequências positivas e negativas do pós-moderno e relativismo, apontando de que a violência doméstica é decorrente da ausência de valores na família. O terapeuta de família necessita ser uma pessoa de valores e, portanto, precisa integrar-se a uma rede multiprofissional que o auxilie a ampliar seu olhar sobre a família com violência doméstica, capacitando-se a abarcar a complexidade deste fenômeno familiar.

Pela apresentação dos artigos na Revista, percebemos o processo de expansão da terapia familiar integrando outras possibilidades inovadoras na forma de compreender e atender as demandas familiares.

Boa leitura!

Helena Centeno Hintz